
ENTREVISTA

Profa. Dra. Silvia Parrat-Dayan

Entrevistador: Rafael dos Reis Ferreira¹

Epistemologia Genética, Trajetórias Acadêmicas, Interpretações e Concepções

O título “Epistemologia Genética, Trajetórias Acadêmicas e Interpretações” é uma série de entrevistas com alguns dos principais estudiosos em Epistemologia Genética na atualidade. As questões foram elaboradas pelos pesquisadores e estudantes do GEPEGE - Grupo de Estudo e Pesquisa em Epistemologia Genética e Educação e foram apresentadas aos entrevistados considerados pelo Comitê Científico da Revista Schème de *notável saber* na área. Um dos principais objetivos é ampliar as discussões em Epistemologia Genética e possibilitar aos leitores a comparação das diversas interpretação e concepções dos temas em evidência. As questões foram enviadas por e-mail aos professores e pesquisadores dando-lhes o espaço que achassem necessários para respondê-las. Agradecemos imensamente a disponibilidade de todos os entrevistados e o respeito pela nossa Revista.

A nossa entrevistada desta edição é a professora Dra. Silvia Parrat-Dayan. A professora é pesquisadora e colaboradora científica no Arquivos Jean Piaget, da Universidade de Genebra (UNIGE), Suíça. Obteve a licenciatura em Psicologia na Universidade de Buenos Aires (Argentina). Recebeu uma bolsa de estudos de pós-graduação da Confederação Suíça para fazer sua pós-graduação em três anos orientada por Jacques Vonèche na Universidade de Genebra. Doutorou-se em Psicologia Genética e Experimental

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP de Marília. Atualmente é doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Editor Adjunto da Revista Schème.

na mesma instituição e foi colaboradora do Centro Internacional de Epistemologia Genética, dirigido por Jean Piaget, por muitos anos. Foi professora da Universidade de Genebra, na Universidade de Lausanne e professora suplente na Universidade de Nancy (França) e, ainda, professora visitante da Universidade de São Paulo (USP). Dentre sua extensa produção, citamos seu livro “Como enfrentar a indisciplina na Escola”. Atualmente é conferencista internacional, com participação nos principais congressos em Epistemologia Genética realizados no exterior.

Revista Schème: Quais as principais motivações que levaram a senhora a se interessar pelo pensamento piagetiano?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Interessei-me pela teoria de Piaget quando muito jovem. Foram duas aulas da professora Emilia Ferreiro que me introduziram no pensamento piagetiano. Logo foi a leitura direta de livros e artigos de Piaget. A leitura de *Gênese e Estrutura*, por exemplo, foi causa de uma exaltação intelectual intensa pela lógica da argumentação e pela grande coerência do texto e pela abertura de pensamento. Quando fiquei sabendo que o governo suíço oferecia bolsas de estudos, me apresentei imediatamente, passei em um exame escrito e, sobretudo, um oral na qual me perguntaram acerca do porque eu queria estudar na Suíça. Aparentemente os convenci porque ganhei a bolsa. E querendo estudar sempre mais um pouco da teoria, acabei ficando na Suíça.

Revista Schème: Piaget não deixou um grande herdeiro, mas nos deixou a Epistemologia Genética, cultivada em muitos lugares de mundo. Na opinião da senhora, quais são os principais centros de Epistemologia e Psicologia Genéticas (onde se faz as pesquisas e discussões mais relevantes) atualmente?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Fora da Jean Piaget Society e do GEPEGE no Brasil, não conheço outros centros onde se faz pesquisa em Epistemologia Genética. Mesmo nesses grupos a pesquisa é feita não pelo grupo, mas pelas pessoas que o integram. Nesse sentido, existem vários lugares no mundo e vários pesquisadores que se interessam e inclusive fazem pesquisas neste domínio. Além dos grupos que funcionam no Brasil (GEPEGE, LPG, Departamento de Educação da UFRGS), mencionemos, por exemplo, Les Smith, Ulrich Müller, Michael Chandler, Emilia Ferreiro, Constance Kamii, Jean Jacques Ducret e muitos outros que continuam trabalhando na perspectiva piagetiana.

Revista Schème: Sabemos que Piaget é kantiano, mas diferentemente de Kant, os esquemas são construídos pelo sujeito na sua interação com o meio. Ora, se os esquemas são construídos, eles não estariam em potência no sujeito? Se sim, isso não seria um tipo de apriorismo ou um inatismo?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Não. A existência de possibilidade de construção não tem nada a ver com um apriorismo que implique uma estrutura potencialmente pronta antes de qualquer construção. Piaget mesmo diz que quando uma estrutura se torna equilibrada se impõe ao sujeito como uma necessidade. Chega-se assim a uma necessidade *a priori*, mas se trata de um *a priori* que não está no início, no ponto de partida, mas que está no final, como resultante. Assim fica da ideia apriorista a ideia de necessidade e não a ideia de pré-formação.

Revista Schème: Sabendo que a epistemologia é tradicionalmente uma subdisciplina da filosofia, o pensamento piagetiano não deveria ser estudado, também, nos cursos de filosofia?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Sim. Concordo totalmente com essa proposta. Aliás, penso que Piaget será reconsiderado através da filosofia.

Revista Schème: Quais são os principais legados que o pensamento piagetiano deixou para a Epistemologia e a Teoria do Conhecimento em relação às epistemologias e teorias dos conhecimentos anteriores?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Podemos assinalar vários pontos e haveria muitos mais.

- A natureza interdisciplinar de seus trabalhos é fundamental.

- A teoria piagetiana é inovadora pelos problemas que coloca, pelas estratégias utilizadas na colocação de os problemas e pela forma de resolver os problemas. Assim Piaget vai redefinir uma nova posição que se situa entre o inatismo e o empirismo. E uma de suas estratégias de trabalho: definir duas posições opostas e redefinir a problemática do próprio campo a través da proposta de uma nova posição. Muitos autores chamam esta forma de proceder *o tertium*.

- Uma outra característica que explica a fecundidade e a transcendência do pensamento piagetiano e a necessidade de ter uma teoria explícita que oriente e de sentido as observações. Esta visão supor um sujeito ativo e construtivo. Para Piaget não existe uma leitura pura da experiência. Piaget pensa que o observador constrói a sua leitura do comportamento. Nesta construção Piaget se situa, como mencionado, entre o idealismo e o empirismo, sem optar nem por o empirismo nem pelo idealismo. A teoria do conhecimento de Piaget é adaptação à realidade. Porém se trata de uma realidade a ser conquistada pela criança.

- A necessidade de dar uma fundamentação empírica e científica as hipóteses epistemológicas que ele fazia. Essa fundamentação Piaget encontra no método histórico crítico e na psicologia genética. O grande desafio de Piaget foi o estudo da criança como base empírica para a validação de teorias epistemológicas

- Explicar o mistério do desenvolvimento construtivo. Para isso Piaget constrói uma teoria do conhecimento. A sua teoria é interacionista e construtivista. Para Piaget é na interação entre o sujeito e o objeto que se constroem de forma dialética tanto as estruturas internas do sujeito como a realidade. O sujeito conquista a realidade a través da elaboração progressiva de instrumentos cognitivos.

- A ideia de interdependência da construção da inteligência que permite compreender o mundo e de nossa ação que é fonte de mudança na nossa compreensão do mundo. Assim a evolução do ser humano depende de um intercambio que não tem fim entre ação e construção que resulta de essa ação. Toda construção nova incita a ação e é causa de novas construções num processo que não tem fim. A epistemologia Genética é uma epistemologia do sujeito onde o ser humano é visto como um ser criativo

Revista Schème: A senhora conhece alguma teoria que seja tão poderosa quanto (ou complementar) a teoria de Piaget para explicar o desenvolvimento humano?

Dra. Silvia Parrat-Dayán: A meu ver na atualidade não existe uma teoria alternativa tão poderosa quanto a teoria de Piaget para explicar o desenvolvimento humano.

Revista Schème: Quais são os limites da Epistemologia Genética? Qual o seu poder de explicação da teoria de Piaget e quais os seus pontos mais fracos.

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Poderíamos assinalar vários pontos sem os esgotar totalmente. Mas antes que mais nada é necessário dizer que o trabalho realizado por Piaget é enorme e que ele não podia resolver todos os problemas do início. Por exemplo, a teoria de Piaget mesmo se estabelece a diferença entre pensamento natural e lógico não insiste nesta diferença. Isto fez que Piaget colocasse no centro dos processos cognitivos a lógica. No mesmo sentido Piaget, mesmo se conseguiu saber quais são os processos subjacentes à atividade da criança em situação, ele elabora o conceito de adaptação inspirado da biologia mas, muito amiúde, ele formula o conceito de forma muito geral ou seja como o resultado da interação do sujeito e do objeto. Porém ele poderia ter feito análises mais finas através das análises das propriedades do *schème* e as propriedades do tipo de situação à qual este se refere. Como assinala meu colega, G. Vergnaud, esse vai ser o trabalho da didática das matemáticas. Além do mais Piaget manifestou seu interesse pelas operações do pensamento que não eram próprias da lógica mas da conceptualização do espaço, do movimento, do acaso, etc. Ou seja, conceptualizações específicas de diferentes domínios de conhecimento. Muitas disciplinas ficam excluídas do círculo de ciências. Poderíamos nos perguntar por quê. Outro ponto que Piaget não estudou e que seria interessante de desenvolver é a importância da linguagem enquanto elemento que pode ter um papel certo na conceptualização. É verdade que Piaget atribui à mediação semiótica uma grande importância no desenvolvimento cognitivo, mas para ele os signos, os símbolos são só um suporte e um instrumento do pensamento; eles favorecem a aquisição da informação mas não modificam em profundidade a natureza da cognição. Porém diferentes pesquisas mostram a natureza específica de mecanismos de construção dos diferentes sistemas semióticos de notação. Por exemplo, a

criança pequena diferencia a linguagem da escrita e a notação matemática e aplica princípios diferentes quando se deve produzir um ou outro.

Outras pesquisas mostram que os sistemas semióticos modificam o funcionamento do pensamento mesmo e que não são só um apoio para o pensamento. Piaget não estudou os processos de mediação semiótica enquanto fator do desenvolvimento

Revista Schème: Sabemos que Piaget se centrou na estruturação lógico-matemática que o sujeito faz da realidade para explicar o seu desenvolvimento psicológico e epistemológico e que Freud se focou nas origens da infância e nas bases da família para com vistas a melhor explicar a formação da personalidade nos seus aspectos emocionais. Que relação a senhora vê entre a Psicologia Genética e a Psicanálise? Podemos dizer que tais teoria sejam complementares? Se não, quais são os pontos centrais em que elas divergem? Qual o poder de explicação de cada uma delas? Podemos dizer que uma é melhor que a outra?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: As duas teorias imaginam que existe uma estrutura no sujeito que dá conta da realidade cognitiva ou afetiva segundo a teoria. As duas imaginam o desenvolvimento se fazendo através de organizações diferentes que se sucedem umas as outras. As duas dão um lugar preponderante aos fatores internos nas transformações das organizações psicológicas. As duas encontram na criança um modelo explicativo da organização psíquica do adulto. No entanto, Piaget descreve o desenvolvimento da inteligência para compreender como os conhecimentos se desenvolvem. Freud se interessa nos afetos e pulsões que se encontram na origem dos processos neuróticos. Por outro lado, se Piaget desenvolve sua teoria através de observações sistemáticas de crianças, Freud desenvolve a sua teoria a partir de fantasmas dos adultos. Trata-se de teorias diferentes, que se preocupam por

conteúdos diferentes. Assim é impossível dizer que uma é melhor quem a outra.

Revista Schème: Pode a Psicologia Genética ajudar na reabilitação pessoas com problemas de ordem emocional, além de problemas de ordem cognitiva?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Na medida em que os problemas cognitivos podem ser fonte de problemas afetivos, a remediação cognitiva pode ajudar pessoas com problemas de ordem emocional.

Revista Schème: Qual o maior legado que o pensamento piagetiano deixou ou deixa para a Biologia e a Psicologia?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: A ideia de troca entre o organismo e o meio. A ideia da ação antes da representação. A ideia de construção.

Revista Schème: Parece-nos cada vez mais evidente que nossa sociedade vive, atualmente, uma crise de valores provocada por um individualismo extremo, banalização da vida e crescente violência em todas as ordens. Poderiam as reflexões sobre a moralidade de Piaget explicar esta crise? Quais as suas principais contribuições para a explicação desta crise de valores?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: A pergunta está mal formulada. As reflexões de Piaget sobre a moral não explicam a presença da crise de valores atual, mas podem ajudar, parcialmente, a entender e a sair desta crise.

Revista Schème: Piaget não quis sobrepor a Psicologia à Pedagogia, mas destacou que a Psicologia poderia ser um recurso eficaz para dar à Pedagogia um caráter mais científico. O pensamento de Piaget pode fazer da Pedagogia uma ciência e transformar o professor em um pesquisador?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Para muitos pesquisadores que tentam aplicar Piaget à pedagogia a ideia que está por detrás é que a psicologia genética tem a chave para solucionar os problemas educacionais mais importantes. Nesta ótica é a psicologia que sabe, que pode dizer o que fazer, e a pedagogia obedece! Uma interpretação alternativa seria utilizar a psicologia genética como um instrumento de análise dos problemas educacionais. Pensamos que a proposta que dá à aprendizagem escolar suas características próprias seria aquela que vê a teoria genética como um instrumento de análise da aprendizagem escolar que permita identificar problemas significativos. A ideia é assim de utilizar a teoria genética para analisar a aprendizagem escolar dentro duma perspectiva mais ampla. Ela poderia desta forma contribuir para a análise dos processos de aprendizagem, e ver quais são as dificuldades específicas, os erros dos alunos, os desequilíbrios, etc. Trata-se assim de passar de uma lógica de aplicação da psicologia à pedagogia a uma aproximação construtivista e interacionista de experimentação pedagógica. Neste sentido, a Psicologia poderia ser um recurso eficaz para dar à Pedagogia um caráter mais científico. Nestas condições o pensamento de Piaget pode transformar o professor em pesquisador.

Revista Schème: Em sua visão qual a distinção própria entre Psicologia Genética e Epistemologia Genética?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: A epistemologia se centra no problema do conhecimento. Como se constróem e se acrescentam os conhecimentos. A psicologia se centra mais no sujeito que constrói conhecimentos. O interesse de Piaget foi a epistemologia.

Revista Schème: Em certas passagens de sua obra, Piaget faz um certo paralelismo entre a construção histórica e o psicogenético. Nesse sentido, a nossa pergunta é: a senhora vê alguma contribuição deste paralelismo

para a Filosofia da História? Se sim, a história da humanidade, semelhantemente ao desenvolvimento psicológico e epistemológico humano (crescimento dos conhecimentos), teria um desenvolvimento crescente e acumulativo? Podemos falar em progresso?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: O paralelismo entre a construção histórica e o psicogenético se refere aos mecanismos de construção e não as estruturas. Assim seríamos muito ingênuos de pensar que *a história da humanidade, semelhantemente ao desenvolvimento psicológico e epistemológico humano (crescimento dos conhecimentos), teria um desenvolvimento crescente e acumulativo.* Vocês afirmam mesmo numa das perguntas: *Parece-nos cada vez mais evidente que nossa sociedade vive, atualmente, uma crise de valores provocada por um individualismo extremo, banalização da vida e crescente violência em todas as ordens.*

Revista Schème: Sendo que Piaget nos mostra que da organização biológica do sujeito, perpassando pelo seu desenvolvimento psicológico, às suas estruturas mais abstratas do conhecimento não há uma separação, mas uma continuidade profunda, progressiva, lenta e gradual; podemos ver aqui uma solução para o problema mente-corpo em Filosofia da Mente (entendendo que este problema ainda é um problema atual)?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Acho que Piaget deu um sentido próprio àquilo que designamos como sendo propriamente psicológico. Em minha opinião, para Piaget o lugar da mente não está nem na sociedade, nem no meio, nem no cérebro (corpo). O psicológico é o produto da interação e, portanto, não é observável. Porém para Piaget, o corpo é uma parte do mundo dos objetos materiais é assim se vê submetido à regra da causalidade. A mente pelo contrário obedece à lei da necessidade formal que é a implicação. Assim corpo e mente parecem ser dois universos diferentes e paralelos, causalidade material e implicação formal. Mente e cérebro podem ser coisas distintas, mas certamente estão ligados de alguma maneira. O problema é saber como é

possível dar-se esta ligação - e este é um problema para o filósofo da mente resolver. A relação corpo - mente Piaget resolve dizendo que o comportamento é o motor da evolução porque ele permite a união do interno com o externo.

Revista Schème: Sabemos que Piaget estudou o conhecimento físico, lógico-matemático, social, a moralidade, e tratou de questões pedagógicas. Então nos perguntamos: se Piaget estivesse vivo hoje, quais seriam as suas temáticas de estudo frente às novas questões (ou desafios) científicas, morais e pedagógicas de nossa época?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: É impossível se colocar no lugar de Piaget e imaginar o que é que ele faria hoje. Porém podemos dizer que Piaget trabalhou sempre numa perspectiva interdisciplinar, que ele se interessou sempre pela ciência e a sua evolução e que ele ficou sempre preocupado com a explicação biológica do conhecimento. Assim, talvez ele se preocuparia pelo problema das neurociências e das diferenças destas neurociências com a psicologia e epistemologia genéticas e ele trataria o problema do ponto de vista dos sistemas complexos.

Revista Schème: No Ensaio de Lógica Operatória escreve Grize (PIAGET, 1976, p. 90, nota 6): "A estrutura de agrupamento, que Jean Piaget introduziu em 1941, revelou-se difícil de ser formalizada completamente. As tentativas feitas, até hoje, são ainda pouco satisfatórias, no sentido de que todas comprometem, de uma maneira ou de outra, o pensamento de Piaget"; a nossa pergunta é: alguém conseguiu até hoje buscar esta formalização? Quais são os principais trabalhos que a senhora conhece nesse sentido?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: Wermus tentou um trabalho neste sentido, mas, infelizmente, não publicou tudo o que ele pesquisou. Por outro lado, como não mencionar a Ricardo Tassinari, que tenta esta formalização de uma outra forma? Mas ainda ele deve nos convencer!

Revista Schème: Por fim, gostaríamos de perguntar como a senhora explicaria, do ponto de vista da concepção piagetiana, a existência do conhecimento necessário e universal da Matemática? Nesse sentido, em que medida o construtivismo piagetiano não se confunde com um tipo de platonismo?

Dra. Silvia Parrat-Dayan: O estudo das estruturas do conhecimento precisa ao mesmo tempo de uma análise formal ou lógica e de uma análise genética. O problema das estruturas é indissociável, numa perspectiva piagetiana, do problema da gênese destas estruturas. A explicação da gênese de novas estruturas, que é fundamental, implica dar conta ao mesmo tempo da característica não pré-determinada, porque nova, mas necessária, pois se trata de uma construção orientada, das diferentes estruturas que se seguem umas as outras no decorrer do desenvolvimento. A construção não se fez de qualquer jeito.

Quando Piaget estuda o desenvolvimento das estruturas lógico-matemáticas na criança constata que a necessidade se impor progressivamente e não no início. Parece correto afirmar que uma estrutura pode se impor com necessidade por via endógena, mas como um produto da equilibracão progressiva e da interação sujeito-objeto, sem ser programada antes e sem ser, portanto, *a priori*. O qual não se confunde assim com o platonismo.

Para o construtivismo piagetiano nada é pré-existente. O conhecimento não pode ser considerado nem como pré-determinado nas estruturas internas do sujeito, pois elas são o resultado de uma construção continua, nem nas características pré-existentes do objeto, porque elas são conhecidas só pelo intermediário das estruturas. Na perspectiva construtivista as estruturas são ao mesmo tempo necessárias nas suas raízes e constantemente abertas sobre construções ulteriores que integram as anteriores. As exigências

próprias a esta necessidade intrínseca aumentam progressivamente, o qual se afasta de um insustentável pré-formismo, diz Piaget.